

Gustavo Martinelli é eleito prefeito de Jundiáí com 58,87% dos votos

O candidato Gustavo Martinelli (União) se elegeu, neste domingo (27), prefeito de Jundiáí com vitória no segundo turno, abrindo grande vantagem no oponente, José Antonio Parimoschi (PL). Martinelli teve sua vitória apontada com 125.712 votos e 58,87% da preferência dos eleitores. Parimoschi teve mais de 87 mil votos, 41,13% dos votos. O prefeito eleito afirmou que “esse resultado não é só meu ou do Ricardo; é de todos que acreditaram que Jundiáí merece mais”. Esta disputa teve 30,52% de abstenções e 8,63% votaram nulo. Política 3



ARTIGOS

Para o prefeito que chega



ARIADNE GATTOLINI

Escrevo este artigo sem o resultado das eleições do segundo turno. Eu, como todos os jundiaenses, estamos ansiosos para saber quem irá conduzir nossa cidade nos próximos quatro anos. Sinceramente, ouço propostas e leio planos de governo antes de qualquer coisa e desejo ao cidadão que tenhamos um próximo pleito com mais rigor na lei para evitar a disseminação de fake News, controle de redes sociais e um debate mais justo e transparente em prol da população.

Ao prefeito que chega, minhas boas-vindas. Espero que o senhor nos conduza ao bem-estar social de todos, com escola de boa qualidade, oportunidades de trabalho, saúde em dia, gestão correta de nossos recursos financeiros e atenção plena ao meio ambiente e essa imponente mudança climática a se mitigar em nosso território. Que a Serra do Japi seja constantemente preservada, que os condomínios não avancem pela área de amortização ambiental, que tenhamos mais plantio de árvores urbanas e criação

de áreas verdes dentro do município.

Esta cidade não é só das crianças. Essa cidade é, de todos, mas sobretudo dos idosos, cuja faixa etária é a que irá se sobrepor nos próximos anos. Esta cidade também é das crianças com deficiência, com autismo e elas (mais do que nós) precisam de atendimento qualificado. Não adianta a gente fingir que a educação é fantástica, quando os meninos com dificuldade de aprendizagem ficam esquecidos nas

Um prefeito, antes de tudo, tem que ouvir o coração das pessoas

salas de aula, sem saber ler aos 10 anos.

Que o senhor escolha seus secretários com mais rigor técnico e menos político. Nos conselhos e assessorias especiais, precisamos de pessoas que entendam de política pública, de direitos e que estejam aptas a defender mulheres, negros, idosos e pessoas com deficiência de verdade. Ali, não são meros cargos figurativos. Está na hora de a cidade fazer valer a lei federal que exige atendimento adequado, com moradia, a mulheres vítimas de violência, por exemplo.

A cidade merece ter conselhos ativos, que defendam nosso meio ambiente e patrimônio cultural. E precisa de bons gestores, para darem continuidade ao que já está bem feito e o que ainda precisa de mais empenho.

Ouvimos tantas críticas nos últimos meses, denegrindo essa maravilhosa cidade em que vivemos. Mas, se eu pudesse dar um conselho aos novos gestores, me inspiraria na figura de meu querido pai, com humildade, e com a generosidade que lhe era peculiar. É fácil a gente se cercar de bajuladores de última hora e pessoas que nos dizem somente o que queremos ouvir. Um prefeito, antes de tudo, tem que ouvir o coração das pessoas. Não parem de tomar café na periferia, de abraçar as mães atípicas ou ouvir a mãe do aluno que não sabe ler. Ao se alcançar o poder, nos distanciamos da realidade.

Para construir uma cidade é preciso estar no aqui e no agora. Entender seus medos, conflitos e interesses para projetar um novo futuro. Que homens honrados, como Vasco Venchiarutti e Luiz Latorre, nos protejam. Adiante, Jundiaí!

ARIADNE GATTOLINI é jornalista e escritora, pós-graduada em ESG pela FGV-SP e editora-chefe do Grupo JJ

O que sobra?



SAMUEL VIDILLI

O momento político que vivemos no Brasil, que sentimos nas redes, que estava nas conversas de bar, contaminou (como não poderia deixar de ser) as eleições municipais. Nunca tivemos eleições tão violentas. Sim, violentas. Essa é a palavra.

Rusgas, acusações, denúncias, tentativas de intimidação, prisões, justiça eleitoral trabalhando a mil. Será que o tempo da civilidade acabou?

Eu lembro das campanhas anteriores ao executivo que foram mais polarizadas ideologicamente falando, sempre com um representante da situação (Ary Fossen, Miguel Haddad, Luiz Fernando Machado) e outro de oposição (Pedro Bigardi, Gerson Sartori, Daniela da Camara). Era possível enxergar duas visões antagônicas ideologicamente falando. Mas em nenhum momento houve campanhas difamatórias tão pesadas. Sim, uma situação aqui, uma fofoca acolá faz parte da vida numa cidade do interior. Mas nada, absolutamente nada pode ser comparado ao que vivemos nesses últimos meses.

E que sobra disso?

Um grupo rachado. Os dois candidatos neste segundo turno saíram do mesmo bloco que gover-

nou a cidade nos últimos oito anos. O grupo rachou. Uns perderão e outros ganharão. E disso restarão ressentimentos, mágoas, cicatrizes. Que podem se refletir na Câmara Municipal. Quem quer que seja o prefeito hoje terá pelo menos dois vereadores fazendo oposição (pelo menos é assim que eles se colocaram na disputa e se mantiveram até agora).

Mas política não deveria se tratar disso, pois tem algo muito mais importante que sobra. É todo o "resto".

Jundiaí.

Que precisa ser gover-

Que os vencedores tenham Jundiaí e seu povo em mente

nada com seriedade, com paixões mensuradas e com muito critério. Jundiaí está indo muito bem, obrigado, mas é vítima de um crescimento brusco tanto de receitas como de despesas. Desde orquestra, teatros, escolas, creches, obras viárias, de mobilidade urbana, melhoria na qualidade do serviço de ônibus, investimento na agricultura local, na saúde, na revitalização do centro histórico, pagamento do funcionalismo público... Tem muita coisa.

Ou seja, o que sobra de todas essas querelas eleitorais, além de cicatrizes pessoais, da alegria de um grupo e desapontamento de

outro, é a cidade de Jundiaí, com seus quase 450 mil habitantes, suas demandas, necessidades e aspirações.

Um lugar com desafios tremendos: crescer sem perder suas características, tomando o cuidado com a gentrificação, com a mobilidade. Cuidar de suas reservas de água e de natureza. Planejar com cuidado e inteligência o futuro, buscando desde investimento e valorização na economia criativa até na melhor forma de atender os que investem na cidade dada sua localização geográfica privilegiada.

Gerar empregos. Dar dignidade de moradia. Aumentar a sensação de segurança em lugares como o Centro Histórico, a Ponte São João etc. Iluminar a cidade cada vez mais. Limpar os postes de tantos fios. Organizar as calçadas. Pensar em planos de acessibilidade a portadores de deficiência. Capacitar e qualificar sempre e cada vez mais os valorosos servidores públicos. Aqueles que entendem o significado do "ser" servidor.

Sim. É, como disse, muita coisa.

Que os vencedores tenham Jundiaí e seu povo em mente.

E entendam a responsabilidade e o lugar na história que eles conquistaram em meio a uma campanha avassaladora.

E esqueçam as cicatrizes. Ao menos deixem-nas secar. Em nome da boa governança de Jundiaí.

SAMUEL VIDILLI é cientista social

Mitos



RAFAEL AMARAL

Tenho a impressão que a maior parte das pessoas não sabe o que significa mito. Para essa maior parte, os mitos resumem-se a figuras messiânicas, com poder de atração, donas de atos e palavras que as colocam em destaque nestes tempos de mídias digitais.

Há diferentes definições para mito. Gosto dos pensamentos e estudos de Roland Barthes. Quando refiro-me a mito, estou no campo da linguagem.

No fundo, todos estamos, mesmo aqueles que pensam em mitos como algo palpável e possível apenas a alguns, líderes ou figuras inspiradoras. Enganam-se. Mitos estão em todos os cantos.

Para Barthes, mito é uma fala, e carrega uma mensagem. Mito são sistemas complexos os quais Barthes, em seu ótimo "Mitologias", chega a chamar de "metalinguagem", "porque é uma segunda língua, na qual se fala da primeira". Mito é, ao mesmo tempo, sentido e forma. E esta é uma questão interessante colocada pelo mesmo pensador: "a forma não suprime o sentido, apenas o empobrece,

afasta-o, conservando-o à sua disposição".

Sim, mitos preferem a forma. E a forma, ainda que presente, é vazia. Claro que a percepção das coisas depende da maneira como as vemos. O próprio Barthes concorda que há diferentes leituras a serem feitas sobre mitos. Cada pessoa pode recebê-los de formas distintas. Podemos produzir mitos com funções específicas; podemos consumir mitos destruindo sua significação ou os aceitando segundo o que parecem ser.

O mito é uma "linguagem roubada", vive em excesso na nossa cultura e, por naturalizar e esvaziar as coisas de sentido, contrapõe-se ao fato histórico

e à política como ciência. Daí uma questão curiosa nesses nossos tempos estranhos: se o mito opõe-se à verdadeira política, por que ainda chamamos homens públicos de mitos?

Por que ainda chamamos homens públicos de mitos?

Porque assim querem seus propagandistas, seus adoradores, a massa que consome a forma sem enxergar o que a mesma oculta. O mito é uma fala despolitizada e serve à ideologia burguesa

com perfeição, revela-nos Barthes em um dos pontos mais interessantes e esclarecedores de seu livro.

O cinema, por ser uma arte de imagens, tem mitos em abundância. No recente "Elvis", vemos em seu protagonista o mito da América forjada pelo espetáculo, pelos jogos e pelo bom moço levado à desgraça pelo explorador capitalista (não nego que tudo seja verdade; apenas analiso a maneira como o filme resume a história do famoso músico).

Em "Casablanca", há o mito do americano como agente do equilíbrio em um mundo dividido, durante a Segunda Guerra Mundial. Seu herói, imortalizado por Humphrey

Bogart, por algum tempo passa-se por incorreto, desiludido, e no fim salva o líder da Resistência ao sacrificar seu grande amor. Ludibria alemães e aceita a amizade dos franceses.

A narrativa clássica americana, por ser pródiga em sínteses, é um terreno fértil para os mitos. E as cinebiografias alimentam-se dessas formas que, em muitos casos, dispensam um sentido profundo. "Elvis" é um bom exemplo recente. Não acredito que os mitos sejam sempre ruins. Creio, ao seguir os ensinamentos do mestre Barthes, que é preciso vê-los como são.

RAFAEL AMARAL é crítico de cinema e jornalista.

"Os artigos dessa página não representam a opinião desse jornal e é de inteira responsabilidade dos seus autores"

Jornal de Jundiaí
REGIONAL

Diretora Presidente
SUELI N. F. MUZAIEL

Diretor Vice-Presidente
TOBIAS MUZAIEL JR.

Editora-Chefe
ARIADNE GATTOLINI - MTB 23649

Publicação Diária da Lauda Editora, Consultorias e Comunicações Ltda.

Fundado em 1965 por Tobias Muzaiel
Em memória

MATRIZ - JUNDIAÍ
Rua Barão de Jundiaí, 1041 - sala 92 - Jundiaí - SP - CEP 13201-012
e-mail: comercial@jj.com.br

Departamento Comercial/Disk Modulinho (Classificados)..... (11) 2136-6030
Redação..... (11) 2136-6070
Novas assinaturas/renovações..... (11) 2136-6020
Atendimento ao Assinante (de 2ª a 6ª até 17h30)..... (11) 2136-6078
Atendimento ao Assinante (sábados e domingos até as 12h)..... (11) 2136-6078
Departamento Cobrança..... (11) 2136-6055
Serviços Gráficos..... (11) 2136-6005
Disque Bancas (de 2ª a 2ª até as 12h)..... (11) 2136-6078

REPRESENTANTES

SÃO PAULO
Adilson Colucci - Fone: (011) 98157-9872
email: acolucci.jundiai@gmail.com

BRASÍLIA
Central de Comunicação S/S Ltda. - SCS Qd. 02, Bl "D", Ed. Oscar Niemeyer,
Sala 1002/1003 - CEP: 70.316-900 - Fone/Fax (61) 3323-4701/(61)

GRANDE DIFERENÇA Gustavo (União) teve mais de 37,8 mil votos à frente do seu opositor, José Antonio Parimoschi (PL) e venceu a eleição com 58,87% dos votos

Gustavo Martinelli vence a eleição com 125.712 votos

DA REDAÇÃO
grupo.editor@jj.com.br

O candidato Gustavo Martinelli (União) se elegeu, neste domingo (27), prefeito de Jundiá com vitória no segundo turno, abrindo grande vantagem no oponente, José Antonio Parimoschi (PL). Martinelli teve sua vitória apontada com 125.712 votos e 58,87% da preferência dos eleitores. Parimoschi teve mais de 87 mil votos, 41,13% dos votos. A disputa contou com 30,52% de abstenções e 8,63% votaram nulo.

Desde o início da apuração, quando começaram a sair os primeiros números, as urnas apontavam para a vitória do candidato Gustavo Martinelli (União), com uma diferença expressiva sobre de José Antonio Parimoschi (PL), numa eleição que foi considerada uma das mais disputadas dos últimos tempos. Martinelli vai governar Jundiá pelos próximos quatro anos ao lado de Ricardo Benassi.

Na noite deste domingo, Martinelli, a esposa e apoiadores de campanha saíram em carreta pela cidade, para agradecer os votos obtidos. "A confiança de vocês é a minha maior força. Esse resultado não é só meu ou do Ricardo; é de todos que acreditaram que Jundiá merece mais," afirmou o prefeito eleito.

Ricardo Benassi, seu parceiro de jornada, reafirmou o compromisso de escutar cada voz e estar sempre ao lado do povo. "Vamos honrar cada voto com trabalho incansável e proximidade, construindo uma cidade mais



Gustavo Martinelli e Ricardo Benassi irão governar a cidade nos próximos 4 anos

justa e humana", declarou.

Com o desejo de governar para todos, Martinelli compartilhou a vontade de unir a cidade, trabalhando para que cada bairro e cada cidadão se sintam ouvidos e valorizados. "Esse é o nosso momento de reconstruir, de olhar para frente. Agradeço a cada cidadão que caminhou ao nosso lado. Juntos,

vamos transformar sonhos em realidade."

Em nota, Parimoschi se pronunciou e disse que foi "uma campanha marcada por ataques agressivos e uma onda de fake news, que afetaram nossas famílias e mancharam o ambiente democrático que nossa cidade sempre prezou. Jundiá é uma cidade

pacífica e ordeira, e é fundamental que a política local reflita esses valores". Na mesma nota, Parimoschi declarou que seguirá "protegendo o que já conquistamos e buscando sempre o melhor para Jundiá".

Atual prefeito de Jundiá, Luiz Fernando Machado (PL) apoiou Parimoschi e, após o resultado, disse: "Vamos conti-

nuar com a nossa luta e defender o legado de nosso governo. Agradeço a todos os eleitores que acreditaram e acreditam em nosso trabalho".

Em nota, Miguel Haddad desejou sucesso na nova caminhada de Gustavo Martinelli.

NULOS E BRANCOS

Com 30,52% de absten-

ção, mais de 230 mil eleitores jundiáenses saíram de casa para votar neste domingo. Entre os eleitores que foram votar, 8,63% anularam ou votaram em branco. Foram, mais de 13 mil votos nulos em branco passaram de 6 mil, um cenário que mostrou, além da dúvida, um descontentamento da população jundiáense.

LEGISLATURA 2025

Câmara terá seis vereadores do PL e três do PSD na próxima legislatura

Das 19 cadeiras na Câmara Municipal de Jundiá, 10 serão ocupadas no próximo quadriênio (2025-2028) por vereadores reeleitos. As outras nove têm rostos novos, além de nomes já conhecidos, mas que não foram eleitos para o último mandato, que se encerra em 2024.

Os vereadores reeleitos na cidade são: Quezia de Lucca (PL), Edicarlois Vieira (União), Daniel Lemos (PSD), Cristiano Lopes (PP), Dr. Kachan Jr. Coisa Linda (Republicanos), Madson Henrique (PL), Dika Xique-Xique (PODE), Paulo Sergio Delegado (PSDB), Romildo Antonio (PSDB) e Faouz Taha (PSD).

Já os "novos" nomes são: Juninho Adilson (União), Rodrigo Albino (PL), Henrique Parra do Cardume (PSOL), Leandro Basson (PL), Mariana Janeiro (PT), João Victor (PL), Tiago da El Elion (PL), Carla Basílio (PSD) e Zé Dias (Republicanos).

'NOVIDADES'

Os nove nomes de vereadores eleitos que não estiveram no último mandato têm ressalvas quanto à novidade. Este é o caso de Juninho Adilson, por exemplo, que foi suplente na eleição de 2020 e ocupou uma ca-



Quezia de Lucca foi a vereadora mais votada, com 8 mil votos

deira na Câmara de Jundiá após a saída do vereador eleito Cristiano Lopes para assumir a pasta de Gestão de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia. Com isso, Juninho esteve na vanguarda de Jundiá durante boa parte do último quadriênio e agora foi eleito.

Também é o caso do vereador eleito Zé Dias, que já esteve em quatro mandatos na Câmara de Jundiá, sendo três consecutivos en-

tre 2005 e 2016 (1997-2000, 2005-2008, 2009-2012 e 2013-2016). Desde então, porém, não esteve no Legislativo Municipal, e agora volta à posição de vereador.

DEBUTANTES

Entre os novos nomes que chegam à Câmara de Jundiá a partir de 1º de janeiro de 2025, há candidatos que já haviam tentado o cargo em outras eleições, como Henrique Parra, Ma-

riana Janeiro e Carla Basílio, mas também os que tentaram uma única vez e já conseguiram a eleição. Esses são: Rodrigo Albino, Leandro Basson, João Victor e Tiago da El Elion.

MULHERES

Na última fomação, apenas uma mulher ocupou a vereança de Jundiá: Quezia de Lucca, que se reelegeu. Desta vez, porém, conseguiu três vezes mais apoiadores e alcançou o número recorde de 8.020 votos (na última eleição havia conseguido cerca de 2,6 mil) para ser a vereadora mais votada de Jundiá. E na formação atual, mais duas mulheres também fazem parte do mandato a partir de 2025: Mariana Janeiro e Carla Basílio.

Novos de idade também A renovação do Legislativo de Jundiá também é etária. A Câmara passará a ter vereadores bastante jovens no próximo ano, pois muitos dos novos eleitos têm menos de 40 anos. O "caçula" é João Victor, que vai assumir com 28 anos. Mariana Janeiro tem 33 anos, Rodrigo Albino tem 34 anos, Henrique Parra tem 35, Juninho Adilson entrará na Câmara com 37 anos e Tiago tem 39 anos.

JUSTIÇA

GM da Capital é preso por porte de arma perto de local de votação

Durante ronda eleitoral, policiais militares de Jundiá receberam um chamado através do Copom relatando denúncia de suposta boca de urna nas imediações do colégio professor José Feliciano de Oliveira, no Jardim Tamoio.

No local, as autoridades abordaram três pessoas, que disseram não ter presenciado nada. Porém, no mesmo momento, os policiais visualizaram um homem parado no quarteirão de cima da escola e foram abordá-lo. O homem se apresentou como guarda municipal de São Paulo, mostrando aos militares sua funcional, e disse que negou ter visto qualquer pessoa cometendo crime eleitoral. Minutos depois, a equipe da PM recebeu nova comunicação irradiada pelo Copom, informan-

do sobre a existência de um homem armado em frente ao mesmo colégio, e se depararam com o mesmo guarda. Ele entregou sua arma voluntariamente aos policiais, de propriedade da guarda municipal de São Paulo.

Em razão disso, os policiais decidiram apresentar o abordado ao Distrito Policial. O delegado responsável, Anselmo Carvalho Santalena, entrou em contato com a juíza da 281ª Zona Eleitoral, Bruna Carrara Bessa Levis, que, junto a um dos representantes do Ministério Público, opinou pela elaboração de Termo Circunstanciado com incidência no delito do Art. 347 do Código Eleitoral. Posteriormente a promotora de Justiça Cláudia Eda Bussem entrou em contato e opinou pelo flagrante do averiguado.

ELEIÇÕES 2024 O resultado projetado pelo Datafolha às 17h55 deste domingo foi confirmado por volta das 18h40 pelo TSE

Nunes derrota Boulos e é reeleito prefeito de São Paulo

DA REDAÇÃO
grupo.editor@jj.com.br

O prefeito Ricardo Nunes (MDB), 56, derrotou Guilherme Boulos (PSOL), 42, no segundo turno da eleição para a Prefeitura de São Paulo e se reeleitou neste domingo (27) para um novo mandato de quatro anos.

O resultado projetado pelo Datafolha às 17h55 deste domingo foi confirmado por volta das 18h40 pelo TSE. Com 89,78% das urnas apuradas, Nunes tinha 59,57% e Boulos, 40,43%.

Nunes assumiu a administração da capital paulista em maio de 2021, após a morte por câncer de Bruno Covas (PSDB), de quem era vice-prefeito. Antes disso, o emedebista nascido na periferia da zona sul foi vereador por dois mandatos e se projetou na região a partir da atividade empresarial no ramo da dedetização.

Ao contrário da campanha de 2020, quando Covas derrotou o mesmo Boulos por 60% a 40%, o pleito deste ano ficou marcado por episódios de agressividade, principalmente no primeiro turno, por causa da participação de Pablo Marçal (PRTB), alvo de uma cadeirada em debate e respon-



No último dia 6, a capital paulista teve a disputa mais acirrada desde a redemocratização

sável por ofensas e factoides.

Neste domingo, houve troca de acusações entre as campanhas de Nunes e Boulos a partir de uma declaração do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), aliado do prefeito, dizendo, sem apresentação de provas, que o PCC (Primeiro Coman-

do da Capital) orientou voto no candidato do PSOL.

Segundo o governador e a Secretaria de Segurança Pública, a inteligência da polícia interceptou esse tipo de mensagem.

Boulos chamou a declaração de "uma vergonha" e disse ser o "laudo falso" do segundo

turno, em referência ao documento forjado sobre uso de cocaína divulgado na primeira etapa da campanha por Marçal. O deputado ajuizou uma ação na Justiça Eleitoral pedindo a inelegibilidade de Nunes e a cassação de Tarcísio.

No último dia 6, a capital paulista teve a disputa mais

acirrada desde a redemocratização. Com 29,48%, Nunes teve 25 mil eleitores a mais que Boulos (29,07%), que superou Marçal (28,14%) por 57 mil votos.

Já o segundo turno opôs diretamente o presidente Lula (PT), que patrocinou a candidatura de Boulos, e o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), que deu seu apoio envergonhado a Nunes. Mas a corrida paulista não ficou longe de parecer um terceiro turno da eleição presidencial de 2022, vencida pelo petista, que na capital superou o adversário com alguma folga.

Que a cidade mais importante do país passe a ser palanque de Bolsonaro e da direita é um revés para os planos de reeleição de Lula em 2026. Mais que isso, o resultado deste domingo é uma vitória política para Tarcísio, virtual candidato ao Palácio do Planalto e principal investidor de Nunes. O prefeito, por sua vez, declarou que essa pode ser a última eleição que disputou.

Nunes herdou de Covas não só a prefeitura, mas um grupo político-partidário que sustentou sua reeleição com uma coligação de 11 partidos (MDB, PL, Republicanos, União Brasil, PP, PSD, Solidariedade, Podemos,

Avante, PRD e Mobiliza), além de dissidentes do PSDB, legenda que acabou lançando José Luiz Datena.

Ancorado no caixa folgado da prefeitura e em figuras partidárias e com 65% da propaganda no rádio e na televisão, Nunes reverteu as previsões iniciais e foi testemunha de que as ferramentas da política convencional ainda têm impacto decisivo.

O cerne de sua estratégia foi evitar a polarização nacional e trazer o debate para o município exaltar feitos como a fila da creche zerada, o recapamento de ônibus e a faixa exclusiva para motos.

Por outro lado, Nunes venceu apesar de suspeitas e polêmicas como a máfia das creches, o boletim de ocorrência por violência doméstica, relatos de uso da máquina e a infiltração do PCC em serviços da prefeitura, como os contratos de ônibus.

Apesar do arco de transformação pelo qual passou Boulos nos últimos quatro anos, sua rejeição ainda pesou a favor de Nunes, que não poupou a chance de relacioná-lo a extremismo, radicalismo, invasões, depredação, drogas, crimes e revogação de privatizações.

OUTRAS CAPITAIS

Fuad Noman (PSD) é reeleito prefeito de Belo Horizonte

O atual prefeito de Belo Horizonte, Fuad Noman (PSD), 77, foi reeleito neste domingo (27) para um período de mais quatro anos à frente da capital mineira.

Fuad é o prefeito mais velho eleito na história de Belo Horizonte. Ele superou nas eleições de segundo turno o deputado estadual Bruno Engler (PL), 27. Com 91,67% das urnas apuradas, Fuad aparece com 53,82% dos votos válidos, contra 46,18% de Engler.

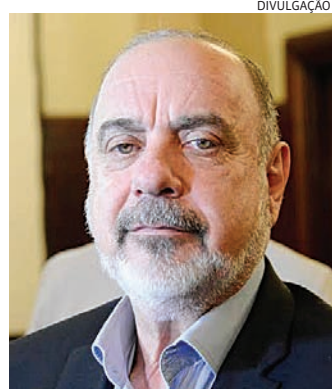
Fuad também conseguiu uma virada, já que no primeiro turno o nome do PL havia largado na frente, com 34,38% contra 26,54% do candidato do PSD.

No segundo turno, porém, Fuad liderou as pesquisas desde a primeira semana. O principal trunfo foi atrair para seu nome a maioria dos votos dos candidatos que saíram derrotados no dia 6, apesar de ter recebido apoio público apenas dos deputados federais Duda Salabert (PDT) e Rogério Correia (PT).

Mesmo contando com o apoio da esquerda, Fuad evitou atos públicos com nomes desse segmento para não afugentar um eleitorado de centro e de direita que votou em Mauro Tramonte (Republicanos) e Gabriel Azevedo (MDB), respectivamente terceiro e quarto colocados no primeiro turno.

Nas propagandas eleitorais, ele manteve a estratégia de ligar sua imagem às obras em andamento na cidade e reforçar que não tinha padrinho político, em contraste com seu adversário, apoiado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e por nomes da direita no estado.

Ao mesmo tempo, a campanha do prefeito direcionou críticas a Engler por sua atuação como deputado estadual, considerada ausente,



Fuad Noman (PSD) reeleito prefeito de Belo Horizonte

e ao enumerar as condenações sofridas pelo rival durante a campanha.

Na última semana da corrida eleitoral, Engler e seus aliados passaram a usar trechos de um livro escrito por Fuad em 2020 para afirmar que o prefeito era o autor de uma obra "pornográfica" e que fazia apologia ao estupro. A Justiça Eleitoral derrubou as veiculações da peça na TV e nas redes sociais.

As acusações contra o prefeito geraram uma série de direitos de resposta. A quantidade de inserções foi tamanha que a propaganda eleitoral, que deveria ter acabado na sexta, foi estendida para o sábado. De acordo com a campanha de Fuad, o candidato teve direito a 84 minutos de direitos de resposta considerando inserções em rádio e TV de sexta até a véspera da eleição.

A Justiça considerou que uma peça veiculada pelo candidato do PL confundia e desinformava o eleitor ao associar ao prefeito um contrato de concessão de transporte público municipal no qual ele não teve participação.

SEBASTIÃO MELO (MDB) É REELEITO PREFEITO DE PORTO ALEGRE

O prefeito de Porto Alegre, Sebastião Melo (MDB), foi reeleito neste domingo (27) pa-



Sebastião Melo (MDB) é reeleito prefeito de Porto Alegre

ra novo mandato no comando da capital do Rio Grande do Sul. Melo derrotou a deputada federal Maria do Rosário (PT).

Com 98,99% das urnas apuradas, Melo obteve 61,55% dos votos válidos, ante 38,45% de Maria do Rosário, segundo o TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

O resultado confirmou a tendência indicada no primeiro turno, quando Melo conquistou 49,72% dos votos. Com um segundo turno marcado pela indiferença e pela baixa adesão, o prefeito reeleito terá o desafio de liderar a reconstrução da capital gaúcha, que teve um prejuízo estimado em R\$ 12,3 bilhões com as enchentes de maio.

A reta final da eleição foi marcada por uma intensificação dos ataques entre as campanhas, com troca de acusações sobre a condução de cada candidato no período das enchentes.

Rosário disse que Melo foi negociantista científico tanto no período da pandemia quanto na enchente, quando teria ignorado os alertas sobre falhas no sistema de prevenção contra cheias da capital.

O prefeito rebateu afirmando que Porto Alegre foi a cidade que mais vacinou contra a Covid-19 no Brasil, e defendeu seu trabalho durante a tragédia. Ele também questionou uma demora do governo



Eduardo Pimentel (PSD) é eleito prefeito de Curitiba

Lula (PT) no envio de recursos para a reconstrução da cidade.

Melo contou com o apoio do ex-presidente Jair Bolsonaro, que visitou Porto Alegre no fim de julho para confirmar a aliança.

O resultado da eleição garante que um desafeto pessoal de Bolsonaro não assumiu uma cidade estratégica para a direita, que busca aumentar sua força no estado nas eleições de 2026.

Entretanto, o ex-presidente não gravou vídeos de apoio nem apareceu em propagandas eleitorais, ou foi citado espontaneamente por Melo em pronunciamentos. Segundo o prefeito reeleito disse após ser questionado em um debate, isso foi intencional por parte da campanha, que priorizou pautas municipais.

A estratégia pode ter ajudado a consolidar uma aliança ampla. A base de Melo inclui apoios que vão do centro a setores da ultradireita. Além do PL, a coligação do emedebista conta com PP, PSD, PRD, Solidariedade, Podemos e Republicanos.

EDUARDO PIMENTEL (PSD) É ELEITO PREFEITO DE CURITIBA

O atual vice-prefeito de Curitiba, Eduardo Pimentel (PSD), foi eleito prefeito da cidade neste domingo (27). Ele der-

rotou a apresentadora e comentarista Cristina Graeml (PMB).

Com 92,24% das urnas apuradas, Pimentel, apadrinhado pelo atual prefeito Rafael Greca (PSD) e pelo governador do Paraná Ratinho Junior (PSD), tinha 57,31% dos votos válidos ante 42,69% de Cristina.

Cristina e Pimentel protagonizaram uma campanha quente, com ataques permanentes. Pimentel está ligado à "direita tradicional". Já Cristina é da "direita radical", com forte presença nas redes sociais.

Além de ter as máquinas municipal e estadual como aliadas, Pimentel entrou na corrida eleitoral com a maior coligação entre os dez concorrentes: PSD se aliou ao Novo, PL, MDB, Republicanos, Pode, Avante e PRTB.

Desde o início da campanha, ele figurou numericamente à frente de todos os candidatos nas pesquisas realizadas pela Quaest. Mas a disputa com Cristina foi acirrada nas urnas do primeiro turno, o que fez com que sua campanha mudasse quase toda a estratégia para o segundo turno.

Para enfrentar uma candidata alinhada com o bolsonarismo, Pimentel escalou apoiadores da direita como o ex-procurador Deltan Dallagnol (Novo) e reduziu o espaço na propaganda da tevê de padrinhos políticos como o prefeito Greca, chamado por Cristina de "prefeito lulista".

Pimentel também explorou fragilidades e polêmicas da adversária, chamada por ele de "extremista" e "aventureira". Passou a dizer que era o candidato da ciência e que a rival dividia Curitiba.

Ele também fez acenos discretos ao eleitorado da esquerda, que ficou sem representantes no segundo turno. Na véspera da eleição deste domingo, pediu para que o eleitor não anulasse o voto. "Se for para

anular, que seja para anular o ódio", afirmou ele, em referência à candidata bolsonarista.

A campanha de Pimentel também enfrentou desgastes, especialmente no primeiro turno, como a nomeação do sogro do candidato a vice.

O ex-deputado federal Paulo Martins (PL), agora eleito vice-prefeito, atuava na assessoria especial do governador Ratinho Junior até junho deste ano, quando foi exonerado para participar das eleições. Na sequência, contudo, o sogro de Martins, César Orlando Gaglianone, que já atuava na Cohapar (Companhia de Habitação do Paraná), ganhou exatamente o mesmo cargo deixado por ele, na assessoria da governadoria. Após a repercussão, em setembro, Gaglianone foi demitido. O governo estadual não comenta o caso.

O desgaste maior, contudo, envolve a prefeitura de Curitiba e uma suposta coação de servidores para que houvesse colaboração financeira à campanha. Áudios vazados na última semana da campanha do primeiro turno revelaram um superintendente da prefeitura dizendo a servidores que eles precisavam comprar convites do jantar em apoio a Pimentel, que isso "já veio determinado" e "não tem como negociar".

Nos áudios, ele sugere que há mais gente envolvida neste esquema de arrecadação, incluindo seu superior direto e outros superintendentes. Mas ele não falou com a imprensa e foi exonerado após a repercussão do caso.

A prefeitura tratou como fato isolado e a campanha de Pimentel negou qualquer participação, repudiando a atitude do superintendente. O caso está sendo investigado na Justiça Eleitoral e ainda não há um desfecho.